

## PENSANDO A METÁFORA POR UM VIÉS COGNITIVO E CULTURAL.

Natália Elvira Sperandio<sup>1</sup>

Antônio Luiz Assunção<sup>2</sup>

### Resumo:

Quando analisamos o percurso histórico dos estudos dedicados à metáfora percebemos que grandes mudanças ocorreram na forma de conceituá-la, deixando de ser vista como apenas uma forma de embelezar discursos especiais, como, por exemplo, o poético; para ser considerada uma importante figura de pensamento, onipresente não apenas em nossa linguagem, mas em nossas ações e pensamentos. Diante dessas mudanças, o presente artigo tem por finalidade fazer uma revisão de literatura acerca da evolução ocorrida nos estudos dedicados à metáfora nas últimas décadas. Para isso, apresentaremos um percurso histórico das principais teorias que têm se dedicado ao estudo da metáfora, com destaque para aquelas que a concebem como processo cognitivo e cultural.

**Palavras-chave:** Metáfora, Cognição e Cultura

### Abstract:

When analyzing the historical course of studies devoted to metaphor, we realize that great changes have occurred in the way of conceptualizing it. The metaphor is no longer seen as just a way to beautify special discourses, for example, the poetic discourse. It starts to be considered as an important figure of thought, not only in our language, but in our actions and thoughts. Considering these changes, this article aims to present a revision of literature of the developments in the studies devoted to metaphor in the recent decades. A historical course of the main theories that have been devoted to the study of metaphor will be presented, especially the ones which consider it as a cognitive and a cultural process.

**Keywords:** Metaphor, Cognition and Culture

---

<sup>1</sup> Doutoranda na UFMG/FALE/POSLIN.

<sup>2</sup> Doutor/UFSJ/Departamento de Pós-Graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura, Linha Discurso e Representação Social.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, a metáfora tem oferecido a filósofos e especialistas em retórica subsídios para uma reflexão sobre a língua. Na retórica tradicional, a metáfora era considerada um fenômeno de linguagem, ou seja, um ornamento linguístico. Era concebida como um desvio da linguagem usual, própria de determinados usos, como a linguagem poética e a persuasiva.

A noção mais antiga de metáfora no ocidente foi introduzida por Aristóteles. O autor a considerava um tipo de linguagem nobre e elevada que empregava termos raros. Diante disso, o uso metafórico na linguagem ocorria da seguinte forma:

- 1) A metáfora tinha que ser linguística e não conceitual – mero uso de palavras, não matéria de conceitos. As várias noções do conceito metafórico não faziam sentido para Aristóteles, porque os conceitos eram definidos em termos de tipos de coisas sobre a mente, independente do mundo.
- 2) As metáforas eram desvios de usos de palavras. Dessa forma, qualquer uso da palavra em seu sentido próprio deveria ter um uso literal ordinário da linguagem.
- 3) Se uma expressão linguística metafórica tivesse um significado, deveria ter a mesma base consistente para determinar qual era o sentido literal mais apropriado. Aristóteles escolhe a similaridade como sendo a base consistente geral para o uso metafórico da linguagem. Para o autor a razão geral para usar o nome de um tipo de coisa para designar outro era para pontuar a similaridade existente entre eles.

Aristóteles valorizava a metáfora linguística dessa forma, porque, como cientista, tinha a proposta de descobrir a verdadeira essência das coisas sobre o mundo. Para o autor a habilidade para encontrar similaridades reais era necessária para um bom cientista. Diante disso, Aristóteles propõe uma teoria literalista de significados e sua teoria de metáfora correspondente em que cada termo deveria designar uma, ou talvez mais de uma, ideia que é vista como uma forma de caracterizar uma essência sobre o mundo.

Contudo, a partir de 1970 uma mudança paradigmática marcou uma profunda ruptura do pressuposto objetivista, possibilitando uma reformulação em nossa maneira

de conceber a objetividade, a verdade, o sentido e a metáfora. Esta última passa, no novo paradigma, a ter seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura de retórica para configurar uma operação cognitiva fundamental.

Por meio de uma análise rigorosa de diversos enunciados, Reddy (1979) investigou o problema da comunicação na língua inglesa. Propondo a metáfora do canal, o pesquisador revela que a linguagem é concebida como um “canal” que transfere, corporeamente, os pensamentos de uma pessoa para outra, como se as pessoas inserissem seus pensamentos e sentimentos nas palavras, que, por sua vez, seriam conduzidas de uma pessoa para outra que, ao ouvir ou ler, extrairiam esses pensamentos e sentimentos novamente. A metáfora do canal está na base da concepção da linguagem como transmissão, na qual se fundamenta a crença de que a comunicação é concebida como um “tête-à-tête” ideal.

## 2. A TEORIA CONCEITUAL DA METÁFORA

Seguindo os passos de Reddy, Lakoff e Johnson, em 1980, lançam “Metaphors we live by”, traduzido para o português como “Metáforas da Vida Cotidiana”, que produz uma revolução nos estudos sobre metáfora, por assumir como tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento. Os autores trabalharam, de forma mais explícita, a metáfora do canal proposta por Reddy e propuseram as metáforas conceituais subjacentes às expressões linguísticas. Assim, “nossas expressões linguísticas são governadas por generalizações: as metáforas conceituais ou conceitos metafóricos”. (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.17)<sup>3</sup>

A partir dessa tese, a compreensão de mundo passa a ser vinculada a concepção da metáfora, uma vez que grande parte de conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado, ação etc, além dos conceitos emocionais, como raiva e amor, são compreendidos metaforicamente. Isso evidencia o importante papel da metáfora na compreensão do mundo, cultura e de nós mesmos.

---

<sup>3</sup> Essas e as demais traduções deste texto são de minha responsabilidade.



Lakoff, em 1992, reafirma, na Teoria Contemporânea da Metáfora, que as metáforas fazem parte de nosso cotidiano, ao propor que o mapeamento metafórico é convencional, ou seja, é uma parte fixa de nosso sistema conceitual. O autor ressalta que “Se as metáforas fossem apenas questões linguísticas, deveríamos esperar que tivéssemos diferentes expressões linguísticas para diferentes metáforas”. (LAKOFF, 1992, p.6)

A existência desse sistema conceitual pode ser evidenciada através de cinco generalizações: i) polissêmicas, ii) padrões inferenciais, iii) expressões metafóricas novas, iv) mudanças linguísticas e v) experimentos psicológicos. A metáfora AMOR É UMA VIAGEM, por exemplo, é um mapeamento conceitual que possui duas dessas generalizações: a polissêmica e a inferencial.

Lakoff procurou investigar se existe um princípio geral responsável por governar a forma pela qual a expressão linguística do frame VIAGEM é utilizada para caracterizar o frame AMOR. Outra investigação relaciona-se a existência, ou não, de um princípio geral que governe como as referências relacionadas à VIAGEM são utilizadas para raciocinarmos sobre AMOR. O autor chega à conclusão da existência de um princípio geral e único, que não faz parte nem da gramática, nem do léxico, mas do sistema conceitual responsável por fundamentar a linguagem, sendo este princípio utilizado na compreensão do domínio do amor em termos do domínio da viagem.

### **3. A PROPOSTA DA FILOSOFIA CORPORIFICADA**

A tradição filosófica ocidental postula que possuímos uma faculdade para raciocinar separada e independente da percepção sensorial e do movimento corporal. A percepção pode informar a razão, e o movimento pode ser uma consequência da razão, mas nenhum aspecto da percepção ou do movimento é tratado como parte da razão (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Perante isso, temos uma dicotomia estabelecida entre percepção e concepção: a percepção é vista como corporificada, enquanto que a concepção, nessa tradição, é vista como puramente mental, totalmente separada e independente das habilidades sensoriais e motoras.

Opondo-se a essa tradição, Lakoff e Johnson (1999) ressaltam não ser possível a faculdade autônoma da razão, pois esta não pode ser concebida de forma separada e independente de capacidades corporais como a percepção e o movimento. Os autores afirmam que a compreensão da realidade depende da natureza de nossos corpos e de sua interação no meio no qual vivemos.

Diante disso, percebemos a importância das experiências corpóreas na formação dos significados. Seguindo essa linha, os autores propõem uma *filosofia corporificada* na qual concebem o experiencialismo como uma filosofia que surgiu a partir dos estudos propostos pela segunda geração da ciência cognitiva. Temos como foco central, na construção dessa filosofia, o postulado de que a razão abstrata não pode ser concebida separada do sistema sensório-motor, mas construída a partir das ações sobre o mundo. Assim, os autores defendem que a compreensão da realidade depende da natureza de nosso corpo e de sua interação com o meio no qual ele está inserido (através da manipulação de objetos e movimento). Dessa forma, a ideia predominante é que tanto a organização quanto a função do cérebro se baseiam na integração entre corpo e mente, uma vez que a mente é inerentemente corporificada e estruturada mediante experiências corporais; o pensamento é inconsciente e os conceitos abstratos são largamente metafóricos.

Já que a mente é corporificada, dependente do corpo, o sentido do real passa a ser visto como dependente do corpo humano, especialmente do aparato sensório-motor que nos capacita a perceber, mover e manipular as estruturas detalhadas de nosso cérebro, que é moldado pela evolução e experiência. Em oposição à visão clássica, que trabalhava a formação e o uso de conceitos como puramente mentais, totalmente separados e independentes de nossas habilidades para percepção e movimento, a visão experiencialista concebe os conceitos como resultado da forma pela qual nosso cérebro e corpo são estruturados e como funcionam na relação interpessoal e com o mundo físico.

Na visão experiencialista, os conceitos humanos não são apenas reflexos de uma realidade externa, pois moldados por nosso cérebro e corpo, especialmente pelo sistema sensório-motor. Outra forma de verificarmos essa síntese experiencialista é por meio dos conceitos de relações espaciais. Esses conceitos são o coração do sistema conceitual, pois através deles conseguimos atribuir sentido ao espaço. Mas eles não existem como entidades sobre o mundo externo, afinal, não vemos as relações espaciais

da mesma forma que enxergamos os objetos físicos. Dessa forma, relações como *em frente de* e *atrás de* são impostas por nós sobre o espaço de forma complexa.

Esses conceitos são utilizados de forma inconsciente e impostos através de nossos sistemas perceptuais e conceituais. Os sentidos mais centrais desses termos têm a ver com o corpo. Nós possuímos frente e costas. Vemos de frente e nos movemos, normalmente, em direção à frente de nossa face e interagimos com objetos e pessoas que estão à nossa frente. Como nossas costas são o oposto de nossa frente, não as percebemos nem interagimos com objetos e pessoas que estão atrás de nós. E é através dessa experiência que temos com nosso corpo que projetamos frente e costas para os objetos. Portanto, os conceitos de frente e trás possuem como base nosso corpo.

Dessa forma, a hipótese da *filosofia corporificada*, enfraquece a distinção estabelecida entre percepção e conceitualização. Em uma mente corporificada, é concebível que o mesmo sistema neural engajado na percepção ou no movimento corporal tenha um papel central na concepção. Assim, as mesmas estruturas neurais responsáveis pela percepção, movimento e manipulação de objetos seriam responsáveis pela conceitualização e raciocínio. Essa hipótese é assumida na versão contemporânea da metáfora, a Teoria Neural da Metáfora, que será apresentada na próxima seção.

#### **4. A TEORIA NEURAL DA METÁFORA**

Com os estudos desenvolvidos na área neural houve uma modificação na forma pela qual compreendemos nossa mente e cérebro e, conseqüentemente, a teoria da metáfora. De acordo com Lakoff (2008), os esboços fundamentais nos estudos sobre a metáfora permanecem ainda válidos, mas com o desenvolvimento da ciência cerebral e da computação neural há um enriquecimento da sua concepção.

Assistimos, nos últimos dez anos, ao desenvolvimento interdisciplinar da Teoria Neural da Linguagem (*Neural Theory of Language*), liderada no campo da linguística por Lakoff e no campo da ciência da computação por Jerome Feldman. Essa teoria assume que o circuito neural é moldado pela experiência, o que define como central a ligação entre corpo e mente para a proposição de um conceito de semântica proposta

por ela: a semântica da simulação. Segundo essa semântica, na produção de significados de conceitos físicos, os significados são concebidos como simulações mentais, ou seja, a ativação dos neurônios necessita da imaginação, percepção ou desempenho de uma ação. Assim, quando imaginamos, lembramos ou sonhamos certas *performances* de movimento, ativamos grande parte dos mesmos neurônios que são ativados quando nós realmente desempenhamos esses movimentos. “Se você não pode imaginar alguém pegando um copo, você não pode compreender o significado de que alguém pegou um copo”. (FELDMAN, *apud* LAKOFF, 2002, p.19)

Seguindo essa concepção de semântica, a Teoria Neural da Linguagem postula que o significado de conceitos concretos é diretamente corporificado. Diante disso, passamos a ter evidências consideráveis de que a linguagem ativa as áreas motoras ou perceptuais correspondentes.

É nesse contexto que a TCM sofre sua transformação mais recente e radical, transformando-se em Teoria Neural da Metáfora (TNM). Esta promove uma forma diferente de concebermos o processamento metafórico, pois sua visão se opõe às anteriores, que consideravam hipóteses bidominais nas quais tínhamos o processamento do domínio-fonte no cérebro antes do mapeamento do domínio-alvo. A TNM propõe que o processamento é feito em paralelo. Quando, por exemplo, ouvimos uma expressão metafórica, o circuito do domínio-fonte é ativado pelos significados literais das palavras e o circuito do domínio-alvo pelo contexto. Juntos, esses dois domínios ativam o circuito do mapeamento. Como resultado, temos um circuito integrado, já que há a ativação de ambos os domínios e o processamento sobre ambos ao mesmo tempo. A partir disso, podemos perceber que as compreensões das linguagens baseadas em metáforas conceituais não estão tão longe do processamento não metafórico baseado em *frames* normais. (LAKOFF, 2008).

Lakoff (Op. Cit.) também expõe o que denomina de “sistema de melhor ajuste” (*Best Fit System*). Nesse sistema, temos a pressuposição de que, durante o processo mental, nosso cérebro realiza o máximo possível de integrações neurais e, dentre estas, seleciona as melhores adequações. Nessa hipótese, as metáforas complexas, que resultam da integração de metáforas primárias presentes em nosso sistema conceitual, são compreendidas mais facilmente do que as metáforas conceituais totalmente novas, uma vez que estas últimas envolvem integrações novas e aquelas

fazem a conexão de circuitos já estabelecidos. Em face desse raciocínio, a TNM oferece uma forma de compreendermos melhor como trabalham pensamento e linguagem e como se adéqua, nessa questão, o pensamento metafórico, modificando a forma pela qual analisamos a metáfora e redefinindo, mesmo que de maneira sutil, sua análise. Lakoff (2008) alega que uma nova notação foi desenvolvida “Nós inventamos uma notação que correlaciona o circuito com propriedades computacionais apropriadas, mas que podem ser utilizadas por analistas sem que haja a preocupação com os detalhes computacionais” (LAKOFF, 2008, p.36). Esta notação, utilizada para descrever a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, tem o seguinte desenho:

Metáfora: AMOR É UMA VIAGEM

Domínio fonte: Viagem

Domínio alvo: Amor

Mapeamento

Viajantes → Amantes

Veículo → Relacionamento

Destinações → Objetivos de vida

Impedimentos para o movimento → Dificuldades

Mapeamento Evoca:

A Metáfora PROPOSTAS SÃO DESTINAÇÕES, com:

Destinos = Ego. Fonte. Destinações

Propostas = Ego. Alvo. Objetivos de vida

A Metáfora DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO, com:

Impedimentos para o movimento = Ego. Fonte. Impedimento para movimento.

Dificuldades = Ego. Alvo. Dificuldades.

A Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:

Proximidade = Ego. Fonte. Proximidade dos Viajantes dentro do Veículo.

Intimidade = Ego. Alvo. Intimidade dos Amantes.

A Metáfora UMA RELAÇÃO É UM CONTÊINER, com:

Contêiner = Ego. Fonte. Veículo

Relacionamento = Ego. Alvo. Relacionamento

Como justificativa para tal notação Lakoff expõe a seguinte explicação: o título da metáfora representa um nódulo gestáltico. As setas correspondem a circuitos de conexão. O mapeamento especifica que elementos estão sendo projetados no alvo. O “evoca” coloca os circuitos de ligação ativando as metáforas componentes com vinculações neurais entre AMOR É UMA VIAGEM (denominado ego sobre formalismo) e as várias metáforas componentes.

Na seção abaixo nos dedicaremos à relação entre a metáfora e a cultura, já que, como advoga Gibbs (1999), a cultura possui um importante papel em nossas experiências e, conseqüentemente, em nosso pensar metafórico.

## 5. METÁFORA E CULTURA

Uma questão que tem instigado o interesse de muitos linguistas, no campo da metáfora, é a relação estabelecida entre a metáfora conceitual e a cultura. Um dos questionamentos que perpassa essa discussão é a distinção feita entre as metáforas de culturas específicas e as consideradas universais. Nesse contexto as metáforas primárias são modelos que possuem uma grande probabilidade de serem encontradas em diferentes culturas. Em contraposição, há longas listas de metáforas que são específicas de algumas linguagens. Como forma de elucidarmos essa relação inevitável entre cultura e metáfora utilizaremos três estudos que possuem como tese a distinção entre metáfora complexa e primária. Esses são: 1) a teoria decomposicional, 2) a variação metafórica e 3) o filtro cultural.

Iniciaremos com a teoria decomposicional proposta por Lakoff e Johnson (1999). Os autores fazem a abordagem da relação cultural com a metáfora considerando a existência de metáforas universais e as de culturas específicas; para isso, propõem as metáforas primárias e as complexas. Temos abaixo a apresentação da forma pela qual esses autores abordam a distinção entre essas metáforas.

As metáforas primárias são concebidas como sendo resultados diretos de nossa experiência, frequentemente, de nossa experiência corporal comum, por isso, são consideradas universais. Adquirimos esse tipo de metáfora apenas por sermos entidades

humanas, ou seja, por nos movermos e percebermos o mundo constantemente da forma que fazemos. Nessas metáforas, teremos um domínio de experiência subjetiva ou julgamentos que é co-ativado regularmente com o domínio sensório-motor. Essas conexões promovem a estrutura inferencial e a experiência qualitativa, que serão ativadas sobre os sistemas sensório-motoras para os domínios subjetivos que estão associados a eles.

Na perspectiva neural, as metáforas primárias são conexões neurais apreendidas através da co-ativação. Elas estendem-se através do cérebro entre áreas dedicadas às experiências sensório-motoras e áreas dedicadas à experiência subjetiva. A grande complexidade inferencial dos domínios sensório e motor oferecem a essas metáforas um caráter assimétrico, com inferências que seguem em apenas uma direção.

A Teoria Geral da Metáfora Primária é composta por quatro estudos, sendo esses descritos abaixo:

### **5.1 Teoria da Fusão (*conflation*), de Christopher Johnson**

Essa teoria está relacionada ao processo de aprendizagem. A fusão ocorre no estágio da infância quando as experiências não sensório-motoras e os julgamentos e as experiências sensório-motoras são fundidas (*conflated*). Como o período da fusão é indiferenciado e a ocorrência é simultânea, as crianças não são capazes de distingui-las experiencialmente. É nesse período que temos a fusão entre a experiência da afeição e a experiência do calor. Após esse período, segue-se o da diferenciação, no qual as crianças são capazes de separar os domínios, mesmo com a persistência das associações. Essas associações são mapeamentos de metáforas conceituais que nos permitem, mais tarde, falar de expressões como “sorriso caloroso” ou “amigo próximo”.

### **5.2 Teoria da Metáfora Primária de Grady**

Segundo a hipótese de Grady, as metáforas complexas são moleculares, produzidas através da integração de partes metafóricas denominadas metáforas primárias. Ao fazerem uma revisão do autor, Lakoff e Johnson (1999) demonstram a ocorrência do processo:

Cada metáfora primária possui uma estrutura mínima e surge natural, automática e inconscientemente através das experiências diárias pela fusão, durante a qual são formadas associações entre os domínios. As metáforas complexas são formadas por *blending* conceituais. As experiências universais prévias levam a fusões universais, as quais se desenvolvem sobre metáforas conceituais convencionais (ou difundidas). (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 46).

### 5.3 A Teoria Neural da Metáfora de Narayanan

Para Narayanan as associações feitas durante o período de fusão são realizadas neuralmente sobre ativações simultâneas, que resultam em conexões neurais permanentes estabelecidas por meio de redes neurais que definem os domínios conceituais. A base anatômica de ativações fonte-para-alvo é formada por essas conexões que constituem os “acarretamentos metafóricos”.

Segundo a teoria proposta por Narayanan, esses acarretamentos em nível neural ocorrem quando:

- a) uma sequência de ativação neural A resulta na ativação neural B;
- b) se B está conectado a um grupo neural C, em uma rede que caracteriza outro domínio conceitual;
- c) então, B pode ativar C;
- d) a ativação de B é um acarretamento literal;
- e) e C está ligado metaforicamente a B, por estar em outro domínio conceitual;
- f) dessa forma, a ativação de C é um acarretamento metafórico.

### 5.4 A Teoria Conceitual do *Blending*, de Fauconnier e Turner

Essa teoria postula que domínios conceituais distintos podem ser co-ativados e, em algumas circunstâncias, as conexões entre os domínios podem ser formadas, produzindo novas inferências, que são denominadas mesclas conceituais e podem ser tanto convencionais quanto originais.

A Teoria Geral da Metáfora Primária - ou Teoria integrada da metáfora primária - produz uma implicação geral:

Nós adquirimos um grande sistema de metáforas primárias automaticamente e inconscientemente simplesmente por funcionarmos ordinariamente sobre o mundo diário em anos prévios. Nós não temos escolhas. Por causa da forma que as conexões neurais são formadas durante o período da fusão, todos nós pensamos naturalmente usando centenas de metáforas primárias. (LAKOFF e Johnson, 1999, p.47)

Em relação às metáforas complexas essas resultam de metáforas primárias mais formas de conhecimentos de um lugar comum, como, por exemplo, modelos culturais, teorias populares, ou, simplesmente, de conhecimentos e crenças que são amplamente aceitos em uma cultura determinada. Como exemplo de metáfora complexa, Lakoff e Johnson (1999) propõem a metáfora UMA PROPOSTA DE VIDA É UMA VIAGEM. Possuímos em nossa cultura um modelo popular, de acordo com o qual, as pessoas devem possuir propostas de vida e há algo de errado com quem não a possui. Se não temos propostas em nossas vidas estamos perdidos, como se estivéssemos sem direção. Como resultado teremos a metáfora complexa acima que é construída sobre metáforas primárias e a crença cultural.

O segundo estudo dedicado à variação cultural da metáfora é o proposto por Kövecses (2007), esse é denominado de variação metafórica. A metáfora é, considerada por ele, ao mesmo tempo linguística, conceitual, neural, corporal e social. A variação metafórica, segundo esse autor, pode surgir a partir de duas formas: entre culturas diferentes e na mesma cultura. A variação entre culturas diferentes é resultado de dois processos: O primeiro denominado por ele de “congruência”, ou seja, as metáforas constituem um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que a possui. Com o preenchimento ele recebe um conteúdo cultural único do nível específico. “O nível genérico da metáfora conceitual é instanciado sobre formas culturais específicas em um nível específico”. (KÖVECSES, 2007, p.7)

Outra forma dessa variação são as metáforas alternativas. Podemos ter diferenças na área das metáforas conceituais (ou mais precisamente na área do domínio fonte) que as culturas possuem disponível para a conceitualização de um domínio alvo particular.

A variação também é possível dentro de uma mesma cultura, sendo essa variação resultante de dimensões que incluem social, regional, étnico, estilo, subcultural, diacrônico e individual. A dimensão social inclui a diferenciação da sociedade entre

homem e mulher, jovem e velho, entre outras, e as diferentes metáforas que são utilizadas por cada grupo. A dimensão regional refere-se às novas metáforas que são desenvolvidas quando há o movimento da linguagem de seu local de origem; são os dialetos locais e os nacionais. A dimensão subcultural engloba as metáforas próprias de cada subcultura que constitui uma cultura particular. Dimensão individual consiste do uso criativo que cada indivíduo faz da linguagem, cada indivíduo possui suas metáforas idiossincráticas e, por último, a dimensão estilística que é determinada por fatores como o interlocutor, o assunto e o contexto que determinarão a escolha pelo estilo padrão ou informal.

Trilhando o mesmo caminho temos Ning Yu (2008), com a proposta do filtro cultural. O autor considera, como os acima citados, que a metáfora conceitual é resultado da interação entre corpo e cultura. Sendo o corpo visto como uma fonte potencialmente universal, enquanto a cultura funcionando como um filtro que seleciona aspectos da experiência sensorio-motora e os conecta com a experiência subjetiva e julgamentos para o mapeamento metafórico. Ou seja, as metáforas são fundamentadas na experiência corporal, mas moldadas pela compreensão cultural, elas são corporificadas sobre o seu ambiente cultural.

Essa visão do autor é baseada no fato de os seres humanos possuírem uma estrutura corporal básica e dividirem experiências e funções corporais comuns, as quais nos definem como entidades humanas. A partir disso, a base cultural da metáfora consiste em sua função interpretativa, vendo certas partes do corpo ou aspectos da experiência corporal como salientes e significativos na compreensão de conceitos abstratos. Em outras palavras “a cultura possui um papel crucial na ligação de experiências corporificadas com as experiências subjetivas para o mapeamento metafórico” (YU, 2008, p. 257). Nesse contexto, os modelos culturais possuem um importante papel, sendo eles os responsáveis de conduzir certos elementos do domínio-fonte para serem mapeados sobre o domínio-alvo, selecionando quais aspectos da experiência corporificada são vistos como particularmente salientes e significativos. Diante disso, a metáfora corporificada é moldada pelas experiências sociais e culturais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste artigo, mesmo que de forma sucinta, fazer uma revisão geral das transformações ocorridas no campo dos estudos dedicados à metáfora. Para isso, traçamos um percurso histórico para essas mudanças, partindo de Aristóteles; passando pelos estudos de Reddy; de Lakoff e Johnson, com a proposta da TCM; até alcançarmos um dos estudos mais recentes a TNM. Procuramos também abordar a inevitável relação entre metáfora e cultura, questão que tem instigado o interesse de muitos linguístas. Para isso, recorreremos a três abordagens: a Teoria Decomposicional, a Variação Metafórica e o Filtro Cultural, que comungam o pressuposto da existência de metáforas primárias, sendo essas vistas como possuindo um caráter universal; e as complexas, resultantes das primeiras mais o conhecimento de uma determinada cultura.

Acreditamos que, mesmo com suas limitações, este artigo demonstrou, a partir das teorias acima expostas, que a metáfora, ao contrário do que era proposto pela visão tradicional, não é apenas um ornamento linguístico, uma figura de linguagem utilizada apenas no discurso poético ou persuasivo. Mas que o processo metafórico é fixado e estruturado neuralmente e tem como base nossas experiências físicas, sociais e culturais.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELTES, Heloísa P. de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007

GIBBS, Ray. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, Ray e STEEN, Gerald (eds). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 145-166

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor in Culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSESE, Zoltán. *Variation in Metaphor*. In: Revista Ilha do Desterro. Florianópolis, n 53, 2007. p. 13-39.

LAKOFF, George. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and Thought*. 2 ed. New York: Cambridge University Press, 1992. p. 01-46.

LAKOFF, George. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS, Ray (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford University Press, 2008. p. 17-38.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida Cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto) – Campinas. São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Edpuc, 2002.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

REDDY, M. J. The conduit metaphor - A case of frame conflict in our language about language. In. A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought*. 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 284-297.

SPERANDIO, Natália Elvira. *O Modelo Cognitivo Idealizado no Processamento Metafórico*. 2010. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010.

YU, Ning. Metaphor from body and culture. In: GIBBS, Ray (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford University Press, 2008. p. 247-261.